

## Impiedade

Quando falo sobre áreas específicas de pecados aceitáveis, um comentário que ouço com frequência é que o orgulho é a raiz de todos eles.

Embora concorde que o orgulho tenha um papel importante no desenvolvimento e na manifestação dos pecados sutis, creio que há outro pecado ainda mais básico, mais amplo e mais provável de ser a causa dos outros pecados.

Refiro-me ao pecado da impiedade, do qual todos nós somos, de certa forma, culpados. A afirmação surpreendeu ou ofendeu você? Não nos vemos como ímpios.

Afinal, somos cristãos; não somos ateus ou perversos. Frequentamos a igreja, não cometemos pecados escabrosos, e vivemos de modo digno.

**João 8:33 Responderam-lhe: Somos descendência de Abraão e jamais fomos escravos de alguém; como dizes tu: Sereis livres?**

Em nosso entendimento, ímpios são aqueles cujas vidas são um poço de pecados. Como, então, posso dizer que todos nós cristãos somos, até certo ponto, ímpios?

Em desacordo com o pensamento geral, impiedade e perversidade não são a mesma coisa. Alguém pode ser escrupuloso e respeitável, e mesmo assim ser ímpio.

**Rm 1.18 Pois a ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e injustiça.**

Observe que Paulo faz distinção entre impiedade e injustiça.

Impiedade descreve a atitude contra Deus, enquanto injustiça se refere ao pecado cometido em pensamento, palavra ou ação. Um ateu confesso, ou mesmo alguém com uma mentalidade secular, é evidentemente ímpio; todavia, há muitas pessoas decentes que também são ímpias, embora afirmem acreditar em Deus.

Impiedade pode ser definida como viver sem pensar — ou pensar pouco — em Deus, ou na vontade de Deus, ou na glória de Deus, ou na dependência de Deus.

Não é difícil notar que a pessoa pode ter uma vida decente e ser ímpia, uma vez que Deus é irrelevante no seu dia a dia. Encontramos pessoas assim por todos os lados no decorrer de nossos afazeres diários. São pessoas simpáticas, educadas e caridosas, mas Deus está longe de seus pensamentos.

Talvez até passem uma hora por semana na igreja, mas vivem os outros dias como se Deus não existisse. Não são perversas, mas são ímpias.

A tristeza é que muitos de nós que são cristãos vivem o dia a dia sem pensar muito em Deus, ou nem sequer pensamos. É até possível que leiamos a Bíblia e oremos por alguns minutos pela manhã; mas, logo em seguida, já nos detemos com nossos afazeres, e vivemos basicamente como se Deus não existisse.

Difícilmente levamos em conta nossa dependência de Deus ou nossa responsabilidade para com Ele. As horas correm sem que pensemos um segundo em Deus.

Nesse sentido, somos bem iguais ao nosso vizinho que é gentil e decente, mas não é salvo. Ele nunca pensa em Deus, e nós só pensamos nele de vez em quando.

E impossível ler o Novo Testamento com atenção sem notar o quanto nossa vida está fora do padrão bíblico de piedade. Afirmei que dificilmente levamos em conta nossa dependência de Deus. Sobre isso, medite:

**Tiago 4:13-15 Agora, prestai atenção, vós que dizeis: Hoje ou amanhã iremos a tal cidade, lá passaremos um ano, negociaremos e teremos lucro. No entanto, não sabeis o que acontecerá no dia de amanhã. O que é a vossa vida? Sois como uma névoa que aparece por pouco tempo e logo se dissipa. Em vez disso, devíeis dizer: Se o Senhor quiser, viveremos e faremos isto ou aquilo.**

Tiago não condena essas pessoas porque fazem planos ou traçam negócios lucrativos. Condena o fato de as pessoas não reconhecerem que dependem de Deus para a realização de seus planos. Vivemos planejando uma coisa ou outra. Na verdade, não conseguiríamos viver nem fazer as coisas mais simples da vida sem algum planejamento. Apesar disso, quase sempre agimos como as pessoas às quais Tiago se dirigiu. Nós também fazemos planos sem reconhecer que dependemos totalmente de Deus para torná-los realidade. Esse é um modo de a impiedade se expressar.

Da mesma forma, raramente pensamos na prestação de conta de nossos atos a Deus e na responsabilidade de vivermos conforme sua vontade moral revelada na Bíblia. Isso não significa que estejamos mergulhados em pecado; o problema é que dificilmente consideramos a vontade de Deus e, quase sempre, nos contentamos em evitar os pecados gritantes. Paulo escreveu aos cristãos de Colossos:

**Colossenses 1:9-10 Portanto, desde o dia em que soubemos disso, nós também não cessamos de orar por vós e de pedir que sejais cheios do pleno conhecimento da sua vontade, em toda sabedoria e entendimento espiritual. Assim, oramos para que possais viver de maneira digna do Senhor, agradando-lhe em tudo, frutificando em toda boa obra e crescendo no conhecimento de Deus.**

Observe como a oração se concentra em Deus. Paulo desejava que seus leitores fossem cheios do conhecimento da vontade de Deus — ou seja — de sua vontade moral. Desejava que vivessem de modo digno de Deus e agradando-lhe em tudo, e orava por isso. A oração centrada em Deus é assim.

Paulo desejava que os colossenses fossem cristãos piedosos.

Tenha em mente que os crentes de Colossos não eram supercristãos; eram pessoas iguais a nós, vivendo dia a dia em uma sociedade bem pior do que a nossa. Mesmo assim, Paulo esperava que vivessem vidas santas, e orava para que isso acontecesse.

Será que oramos por nós mesmos, por familiares e amigos da mesma forma que Paulo orava pelos colossenses? Nossas orações mostram preocupação com a vontade e a glória de Deus, e desejo de viver de modo que o agrade? Ou são mais parecidas com uma lista de tarefas que apresentamos a Deus, pedindo-lhe que intervenha na saúde e na necessidade financeira de familiares e amigos? Não é condenável apresentar essas necessidades terrenas a Deus. Na verdade, esse é um modo de reconhecermos que dependemos dele diariamente. Mas se oramos apenas por essas coisas, estamos tratando Deus como um “office boy divino”, e nada mais.

Nossas orações estão focadas essencialmente no ser humano, e não em Deus.

E, de certa forma, somos ímpios nesse aspecto.

Para Paulo, tudo na vida tem de ser feito na presença de Deus com o objetivo de agradá-lo. Note, por exemplo, como ele instrui os escravos que eram membros da igreja de Colossos (provavelmente uma grande parte da congregação) a servirem aos seus senhores no temor de Deus:

**Escravos, obedeci em tudo a vossos senhores deste mundo, não servindo só quando observados, como quem quer agradar os homens, mas de coração íntegro, temendo o Senhor. E tudo quanto fizerdes, fazei de coração, como se fizésseis ao Senhor e não aos homens, sabendo que recebereis do Senhor a herança como recompensa; servi a Cristo, o Senhor. Cl 3.22-24**

Sua admoestação para que fizessem tudo “de coração, como se fizésseis ao Senhor e não aos homens” (v. 23) apresenta uma regra por meio da qual buscamos viver de maneira íntegra em nosso trabalho e profissão.

Mas quantos cristãos tentam seguir essa regra no viver diário? Será que não realizamos nossas atividades da mesma forma que os nossos colegas não crentes e infiéis que trabalham só em benefício próprio, de olho numa subida de cargo e no aumento de salário, sem jamais levar em conta o que agrada a Deus?

Consideremos a igreja de Corinto, que, como já observamos, era uma confusão. Paulo escreveu àqueles irmãos: **Portanto, seja comendo, seja bebendo, seja fazendo qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus. I Co 10.31**

Tudo inclui cada atividade de nosso dia. Não devemos só comer para a glória de Deus, temos de dirigir o carro para a glória de Deus, temos de fazer compras para a glória de Deus, e nossos relacionamentos têm de ser para a glória de Deus. Tudo o que fizermos tem de ser feito para a glória de Deus. Essa é a marca do cristão piedoso.

Mas o que significa fazer tudo para a glória de Deus? Significa que faço as refeições, dirijo o carro, vou às compras e relaciono-me com as pessoas tendo dois objetivos em mente. O primeiro é fazer tudo de modo que agrade a Deus. Quero que Deus fique contente com meu jeito de realizar até as coisas mais simples do dia a dia.

Assim, oro pelas circunstâncias que me aguardam, pedindo que o Espírito Santo dirija meus pensamentos, palavras e ações de modo que agradem a Deus.

O segundo objetivo é que todas as minhas atividades honrem a Deus perante os outros. Jesus disse: **Mt 5.16 Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem vosso Pai, que está no céu.**

Em contraste, Paulo escreveu sobre os judeus soberbos de Roma: **Rm 2.23,24 Tu, que te glorias na lei, desonras a Deus pela transgressão da lei? Pois, como está escrito, por vossa causa o nome de Deus é blasfemado entre as nações.**

Pense desta forma: se todas as pessoas com quem você interage no decorrer do dia sabem que você confia em Jesus como Salvador e Senhor, suas palavras e ações estão glorificando a Deus perante elas? Ou será que não pensam o mesmo que um filho disse a respeito de seu pai: “Se Deus é igual ao meu pai, não quero nem saber dele”?

Tomara que nenhum de nós seja igual a esse pai cujo tratamento abusivo que dispensava aos filhos era uma blasfêmia contra Deus. Por outro lado, estamos nos empenhando para glorificar a Deus diante dos outros? Buscamos glorificá-lo em oração e de modo consciente no que dizemos e fazemos durante o dia? Ou realizamos nossas tarefas pensando pouco ou nem sequer pensando em Deus?

Um indicador ainda mais exato de nossa inclinação à impiedade é o nosso desejo minguido de ter um relacionamento íntimo com Deus.

**Salmos 42.1,2 O salmista disse: “Assim como a corça anseia pelas águas correntes, também minha alma anseia por ti, ó Deus! Minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo; quando irei e verei a face de Deus?”**

Esse não é um texto isolado. No salmo 63.1, Davi fala que tem sede de Deus e que o busca ansiosamente. No salmo 27.4, ele manifesta seu desejo de habitar na presença do Senhor para contemplar sua beleza. Era isso que os homens santos do passado desejavam. Mas hoje em dia poucos de nós se interessam por essas coisas.

Alguém pode ser moral e correto, ou até bastante ocupado no serviço cristão, e mesmo assim ter pouco ou nenhum interesse em desenvolver um relacionamento íntimo com Deus. Isso é uma das marcas da impiedade.

Deus é o foco da vida do cristão piedoso. Cada situação, cada atividade, seja no reino espiritual, seja no terreno, é vista através das lentes focadas em Deus. No entanto, esse foco só é alcançado por meio do relacionamento cada vez mais íntimo com Deus. Sem esse relacionamento, ninguém pode agradar ou glorificar a Deus de verdade.

Se você acompanhou meu raciocínio até aqui, percebeu que nenhum cristão é totalmente puro. Como isso é, de fato, verdade, existe certo grau de impiedade em nós. A pergunta que deveríamos fazer com honestidade e humildade é: Até que ponto sou ímpio? Em que aspectos da vida Deus fica fora dos meus pensamentos?

Quantas de minhas atividades são realizadas sem que eu reconheça a presença de Deus? A santidade total e a impiedade absoluta ficam em lados opostos de uma linha. Todos nós estamos em algum lugar no meio desses extremos. Jesus foi a única pessoa que teve uma vida absolutamente pura. E é provável que nenhum cristão verdadeiro tenha uma vida totalmente ímpia. Mas onde estamos no espectro? Ao analisar sua vida, lembre-se de que não estamos falando de comportamento correto versus comportamento perverso. Estamos falando de realizar tudo na vida como se Deus fosse relevante ou irrelevante. As pesquisas continuam a mostrar que existe pouca diferença entre os padrões de valores e comportamentos dos cristãos e dos não cristãos. Por que é que isso acontece? Certamente isso evidencia que vivemos praticamente sem levar Deus em consideração ou sem pensar em como agradá-lo ou glorificá-lo.

Não se trata de afastarmos Deus de nossos pensamentos, de modo consciente e deliberado. Simplesmente o ignoramos. Ele povoa muito pouco a nossa mente.

No início deste módulo, afirmei acreditar que a impiedade é o nosso pecado fundamental, até mais do que o orgulho. Imagine como o nosso orgulho desinflaria se, por exemplo, vivêssemos cada dia conscientes de que tudo o que somos, tudo o que temos e tudo o que realizamos é pela graça de Deus. É triste o fato de uma pessoa, que sempre foi simpática e honesta, estar se deleitando numa vida imoral. Mas devemos nos lembrar que, “se não fosse pela graça de Deus, estaríamos no mesmo barco”. O orgulho de nos acharmos mais santos do que os outros — um dos pecados aceitáveis mais comuns — é um produto direto de nossa maneira ímpia de pensar.

Os pecados da língua, tais como fofoca, sarcasmo, palavras grosseiras ditas a outros ou sobre outros, não dão as caras quanto temos certeza de que Deus ouve tudo o que falamos. O motivo de pecarmos com nossa língua se deve ao fato de vivermos, até certo ponto, na impiedade. Não nos ocorre que vivemos cada momento do dia na presença de um Deus que tudo vê e tudo ouve.

Creio que, em última instância, todos os outros pecados aceitáveis têm sua raiz no pecado da impiedade. Usando uma árvore como ilustração, imaginemos nossos pecados, grandes e pequenos, crescendo no tronco do orgulho.

É, porém, a raiz que dá vida à árvore; e, nesse caso, a raiz é a impiedade.

No fim das contas, a impiedade sustenta a vida de nossos pecados mais visíveis.

Se temos o hábito de encher a mente de maus pensamentos, como podemos então lidar com esse pecado? Como ser mais puros em nosso viver diário?

**1Timóteo 4.7 Mas rejeita as fábulas profanas e insensatas. Exercita-te na piedade.**

O verbo “exercitar” vem da cultura esportiva daquela época, e refere-se aos exercícios que os atletas faziam diariamente em preparo para os torneios.

Entre outras coisas, implica compromisso, consistência e disciplina no treinamento.

Paulo queria que Timóteo, assim como todos os cristãos de todas as épocas, fosse tão comprometido em crescer na santidade, e tão intencional em sua busca, como agiam os atletas que competiam por um prêmio terreno. No entanto, acho que a maioria dos cristãos dificilmente, ou nunca, pensa em se desenvolver na santidade.

Não posso deixar de contrastar nosso desejo anêmico por santidade com a atitude de pessoas que ficam a noite toda numa fila para adquirir o último modelo de Iphone.

Será que qualquer um de nós teria a mesma disposição quanto à santidade?

Nosso objetivo na busca da santidade deve ser o crescimento cada vez mais consciente de que vivemos todos os minutos na presença de Deus; que somos responsáveis perante ele e dependentes dele. Esse objetivo deve incluir o desejo cada vez mais intenso de agradar a Deus e glorificá-lo nas atividades mais simples da vida.

Naturalmente, o crescimento em santidade tem sua base no reconhecimento de que precisamos nos desenvolver nessa área importantíssima da vida. Espero ter deixado claro que todos nós somos, até certo ponto, ímpios quando vivemos sem nos preocupar muito, ou nem um pouco, com Deus. Mais uma vez, gostaria de enfatizar que você pode ter uma vida moralmente correta e frequentar a igreja com assiduidade e, mesmo assim, ser ímpio, caso não ligue muito para Deus.

Sei que meras palavras não convencem nenhuma pessoa de que ela é culpada, até certo ponto, de impiedade. Para começar, provavelmente muita gente não acha que é pecado viver sem levar Deus em consideração. Meu único pedido é que você, em oração, analise essa mensagem e responda honestamente quanto tempo você gasta pensando em Deus no seu viver diário. O que você faria diferente no dia a dia se buscasse realizar tudo para a glória de Deus?

Como o termo impiedade é muito abrangente, identifique as áreas em que você é mais propenso a viver sem se preocupar com Deus. Pense no trabalho, nos passatempos, no lazer, nos programas de TV, e até em seu meio de transporte.

Memorizar versículos e ponderar neles em oração é sempre muito proveitoso. Sugestões: 1 Timóteo 4.7,8; 1 Coríntios 10.31; Colossenses 1.9,10; 3.23; Salmo 42.1,2; 63.1; 27.4.

Acima de tudo, ore para que Deus torne você cada vez mais consciente de que vive cada momento de cada dia debaixo dos olhos daquele que tudo vê.

Mesmo que você não pense muito em Deus, ele está sempre atento à sua pessoa e enxerga tudo o que você faz, ouve cada palavra que você diz e sabe tudo o que você pensa (v. Sl 139.1-4). Além disso, ele sonda os nossos motivos.

Portanto, sejamos tão conscientes dele como ele é de nós.